

Essa Terra no Jornal de Letras de Lisboa 2 a 15 de março de 2016 por Teolinda Gersão

Antônio Torres Um romance das origens

Teolinda Gersão

Essa Terra é o romance inaugural de uma trilogia escrita em estado de graça. Embora cada volume possa ser lido autonomamente, será difícil não terminar o primeiro sem se precipitar no segundo, e passar ao terceiro, porque até à última página, e desde a primeira, uma sensação de estranheza e de deslumbramento nos assalta.

Esta obra escapa-nos, a nível puramente racional, através de passadas de magia. Podemos chamar-lhe romance, mas essa designação não é suficientemente abrangente. O que se nos oferece é um objecto brilhante, visceral, devorador. É sempre em metamorfose: a prosa quotidiana, regional, oral, transforma-se em poesia pura, pela arte xamânica do narrador, que sabe encontrar palavras essenciais, não corrompidas, e apanhar o ritmo da narrativa em estado nascente, num registo onde tudo se funde e contamina, pedra e luz, animal e homem, vida e morte, realidade e sonho. Ou alucinação. Esta é, como no filme de Glauber, uma "terra em transe", actual e antiquíssima, o "sertão" do Brasil profundo, lugar geográfico mas

também um não-lugar, um mundo interior sempre a descobrir, terra de vida e morte, de bem e mal, brutalidade e beleza.

Podemos convocar Guimarães Rosa ou Juan Rufo, mas esta é de qualquer modo uma voz diferente, que encontra o seu espaço sem disputar o de mais ninguém. Antônio Torres escreveu, por sua inteira conta e risco, um romance das origens, do lugar onde a consciência desperta e tudo existiu pela primeira vez, uma história individual e colectiva, que é possível narrar, mas onde as vozes alcançam muito para além do que é contado. Estamos num tempo datável mas também sem calendário, num espaço localizável (o interior, nem sequer muito longe de São Paulo), mas o lugar geográfico é sobretudo um espaço anímico.

Se insistirmos em falar da narrativa, diremos que um homem regressa, décadas depois, ao lugar de onde partiu, ao encontro de uma paisagem desertificada e agreste, onde ainda resistem personagens familiares, desde logo o pai, que fabricou com as próprias mãos o caixão do filho Nelo, o primeiro a partir para São Paulo, de onde regressou mais tarde de visita, aparentemente bem sucedido na vida,

mas na realidade carregando o fracasso que tentará esconder no suicídio. Estamos numa terra perdida no tempo e no espaço, onde todos se assemelham e conhecem, consomem o corpo a cultivar um solo ingrato, onde não cai a chuva, e encontram na taberna um lugar de desabafo, de riso e pranto, de histórias de amores e desamores, de ódios e de intrigas.

Junco é uma aldeia no meio de nada, onde um dia chegaram os homens dos Bancos, que vieram de Jipe e aperaltados, foram direitos ao padre, que anunciou na missa a salvação através do plantio de sisal, assegurando dinheiro fácil e lucro garantido a quem assinasse os papéis bancários - que depois se revelaram promessas falsas, e trouxeram a ruína a quem acreditou. Foi essa história do pai, que perdeu nesse negócio praticamente tudo, enquanto a mãe, cansada de infelicidade, lutas e miséria, parte com os outros filhos numa velha camionete, para outro povoado, que a desolação e o desamparo fazem parecer incrivelmente longe.

Nos três volumes é uma história de partidas e regressos, de perdas, encontros e reencontros, contada de vários ângulos e em versões diferentes,



Antônio Torres Uma viagem ao "sertão" do Brasil profundo

em que sucessivas personagens ganham relevo e se presentificam, para logo darem lugar a outras, e reaparecerem mais tarde, a outra luz.

Assim, a figura central do segundo livro será o pai-lobo-solitário, recebendo a visita do filho-cachorro, enquanto a mãe, no último livro, aparece no seu mundo louco, ou talvez imensamente lúcido, contando a vida tal como a foi olhando "pelo fundo da agulha" da máquina de costura em que trabalhava à luz do dia ou da candela.

A luz será de resto uma presença constante - inclemente, a pique, a luz que cega, como se o sol rebentasse, a luz em contrastes violentos ou em imperceptíveis nuances, até à escuridão. Dia e noite, vida e morte,

presente e passado são reversíveis ou confundem-se nas pequenas histórias pessoais de que a História é feita - mas este tempo mutável é simultaneamente o tempo mítico, inicial e sem tempo, onde, para além de todas as histórias e da História, se narra a Infinita e incompreensível aventura de existir.

Tudo se torna então vertiginoso e sem resposta, imaginação e realidade, memória e facto, possível e impossível.

Temos de regressar ao lugar de onde partimos, se quisermos saber quem somos, mas o círculo só aparentemente se fecha, porque sempre recomeça, não tem fim nem princípio. É possível, e o que significa, voltar, partir, existir? "Essa terra", de onde se parte e onde se volta, é um lugar de onde não há fuga, porque, por mais

longe que vamos, não conseguimos deixar de a levar dentro de nós. Mas nunca a encontraremos em definitivo.

Sintomaticamente, o terceiro volume começa com uma deambulação do narrador, entretanto aposentado e envelhecido, no Pere Lachaise, em Paris. Para mais longe ou mais perto, o movimento é assim centrífugo e centrípeto - essa terra "me chama", "me entora", "me embouquece", "me ama". E "eu" vou-me embora e regresso, uma vez e outra, porque preciso de reunir (e não consigo) os pedaços em que o mundo foi quebrado, numa explosão em que tudo rebentou, a luz, o sol, a terra, a casa, a família, a comunidade, o sentido da existência. E "eu" - ou seja, qualquer um de nós. Porque os grandes livros são universais e atravessam o tempo sem arder.

Prepare-se portanto, leitor, para o caminho. Mergulhe na leitura e entre em transe. Deixe-se levar e deslumbrar pela voz que conta e pela força irresistível do seu encantamento. **JL**



Antônio Torres
ESSA TERRA
Teolinda, 152 pp 12 euros